

## A REPRESENTAÇÃO DO SILÊNCIO EM A UTOPIA BUROCRÁTICA DE MÁXIMO MODESTO

Elizete Amaral de Medeiros<sup>1</sup>

### Resumo

Temos como objeto de estudo a representação do silêncio em *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, de Dionísio Jacob, onde identificamos o silêncio como a voz dos que detêm o poder para dominar e coibir as culturas de massa, que obedecem às regras impostas pela classe majoritária como legítimas, embora tentem esboçar resistência. Sob uma ótica interdisciplinar, empenhamo-nos numa pesquisa sociopolítica para constatarmos que a narrativa em questão denuncia irregularidades em instituições públicas do Brasil, mostrando apadrinhamento e corrupções e retratando o quadro político, em épocas de eleições, para denunciar que os candidatos a cargos eletivos, nesse período, utilizam-se de meios eleitoreiros para alcançarem o poder. Considerando-se aspectos sóciopolíticos abordados, na obra, investigamos que, em *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, o silêncio usado pela classe majoritária representa uma forma de controle sócio-repressivo.

**Palavras-chave:** Silêncio. Discurso. Poder.

### Resumen

Nuestro objeto de estudio de la representación del silencio en la utopía burocrática de Máximo Modesto, Dionisio de Jacob, que identificó como el silencio la voz de los que tienen el poder para controlar y detener la cultura de masas, que cumplen las normas impuestas por la clase mayor como legítimo, pero tratar de llamar la fuerza. En virtud de una perspectiva inter-disciplinaria, empenhamo en una investigación sociopolítica para ver que la descripción en cuestión, denunció irregularidades en las instituciones públicas en Brasil, mostrando el clientelismo y la corrupción, y que representan la política, en tiempos de elecciones, los candidatos que le presente un informe los cargos electivos en ese período, utilizando los medios para lograr los votos de poder. Teniendo en cuenta las cuestiones sociopolíticas abordadas en el trabajo, que investigó en la utopía burocrática de Máximo Modesto, el silencio de la mayoría de clase es una forma de control social y represión.

---

1.Licenciada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Especialista em Literatura e Estudos Culturais pela UEPB. E-MAIL: [elizete.a@hotmail.com](mailto:elizete.a@hotmail.com). [Revisora de linguística da Editora da Universidade Estadual da Paraíba.](#)

## 1. Introdução

Esse trabalho consiste na análise da representação do silêncio, na obra *A utopia burocrática de Máximo Modesto (2001)*, texto literário que, relacionado aos estudos culturais, vai conduzir-nos a uma compreensão do funcionamento microestrutural de instituições públicas, no Brasil, apontando-nos a forma como identidades culturais bem localizadas, como a de funcionários públicos, neste contexto, constituem-se e organizam-se socialmente, assim como sua finalidade no meio em que se inserem, levando-se em consideração as adversidades grupais e o controle social exercido pela “elite” política detentora da autoridade e do poder exercido pelo Estado.

Tomando-se como referência o texto literário, podemos efetivar essa análise porque o autor de *A utopia burocrática de Máximo Modesto* é contemporâneo e trouxe uma temática própria desta época: o silêncio. Sendo assim, enveredamos, nessa pesquisa, por uma abordagem da representação do silêncio cuja atuação exhibe formas díspares para representar a voz dos detentores do poder.

A referida análise é de grande relevância por se tratar de uma temática polêmica e essencialmente por se constituir numa pesquisa teórico-sociológica de “denúncia” das irregularidades que ocorrem nas repartições públicas no Brasil. Por essa razão, sob um viés interdisciplinar, essa pesquisa objetiva contemplar aspectos sóciopolíticos abordados, na obra, e identificar o silêncio representando a voz dos que detêm o poder e a fala dos assujeitados vista como um silêncio e esclarecê-los de forma convincente. Nossa problematização parte do aspecto da representação do silêncio, no romance, que exerce um papel significativo de voz e é utilizado pela classe superior para dominar as culturas minoritárias, além de outros aspectos relacionados à questão social, que nos apontam para o problema de dominação e resistência envolvendo os grupos sociais definidos como classe majoritária<sup>2</sup> e classe minoritária<sup>3</sup>, de forma que indagamos: em *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, o silêncio utilizado pelos detentores do poder é uma forma de controle sócio-repressivo?

2 Majoritária: usou-se para fazer referência à classe social que detém o poder

3 Minoritária: usou-se para fazer referência à classe social de menor poder aquisitivo.

Por se tratar de um trabalho fundamentado em aspectos sociopolíticos, detivemo-nos numa pesquisa qualitativa para que pudéssemos compreender a realidade das repartições públicas do Brasil, através do ponto de vista da obra já ressaltada por se estabelecer um caminho essencial para que chegássemos aos materiais empíricos disponíveis a serem analisados. Dessa forma, esta análise constitui-se uma investigação de conteúdo cujo resultado maior a se chegar foi uma leitura/interpretação de representação do silêncio como forma de coerção para assujeitar membros de órgão governamentais que atua na obra quem questão, como funcionários públicos.

## **2. A Literatura contemporânea e o silêncio**

A literatura contemporânea é considerada por Hassen (apud CONNOR, 1988,p.92), como significativa e fundamental no silêncio que, de forma autêntica, apresenta mais conotações do que a simples ausência de enunciado. Este estilo literário apresenta um silêncio “complexo” capaz de abranger vários sentidos, desde o recuo à insubordinação e proporciona uma visão ampla do princípio do silêncio preso à alienação da razão, da sociedade, da natureza e da história. Um silêncio que efetiva o repúdio à linguagem, à convenção. à forma artística e expõe o êxtase, o transe e outras situações extremas de sentimentos, que permitem a concentração da consciência sobre si própria, assim como uma intensa consciência de enxergar o princípio da ânsia de desestruturar para reconstruir.

No entanto, o modernismo não se constitui um silêncio necessariamente revolucionário, como pode ter sido em outros campos das artes, e geral, mas proporcionou aos pós-modernos a idéia de fixar profundas raízes, nos estudos literários, com o objetivo de efetivar uma retrospectiva para que se encontrasse algo com que se pudesse contrarregar. É visto pelos pós-modernos como uma entidade rígida e fechada em si mesma e por essa razão, era necessário que houvesse uma homologação da matéria para que ela se tornasse mutável.

### **2.1. Silêncio, uma voz autêntica**

O objeto desse trabalho é esboçar a representação do silêncio em A utopia burocrática de Máximo Modesto, tornando-se como elemento balizador o conceito do silêncio, de acordo com Tales(1979,p.11-12), que entende esta categoria discursiva como sendo uma não linguagem, que não se confunde com o ato de

calar, porque é uma forma de falar que está latente dentro da própria linguagem para atuar, no meio social, de forma autêntica. Schuler(1989,p.24), aponta para que a voz que pertence ao homem inserido na classe social minoritária e o silêncio representando a voz do sujeito erudito detentor do poder. Steven Connor, por outro lado, vê o silêncio como forma de produzir voz e a voz como um silêncio: !Há a afirmação familiar de que, na obra de Beckett, os excessos de desintegração são garantia da fala autêntica – é uma dor que obriga o silêncio a ser fala e a fala a voltar ao silêncio (CONNOR, 1989,p.93).

Orlandi (2002, p. 83) nos aponta para um silêncio que pode representar voz capaz de ultrapassar as palavras e falar por elas, de forma que possamos distinguir a voz que significa silêncio e o silêncio que pronuncia voz não falando. Essa reflexão remete-nos ao princípio do silêncio que Orlandi denomina de 'silêncio fundante', que não se define pela inexistência de palavras, mas instala-se entre elas e proporciona o sentido real daquilo que não foi dito, para que compreendamos o que a linguagem não pôde oferecer.

Nesse sentido, entendemos que aquilo que não foi dito, mas conservou-se, em silêncio, constitui, de forma idêntica, o sentido do que se pronunciou, pois as palavras se acompanham de silêncio e são atravessadas por ele e nesse ínterim, percebemos que entre o falar e o silenciar existe todo um universo de interpretação que nos induz à análise dos elementos que dão significado àquilo que não foi pronunciado.

Partindo dessa política do calar, pode-se considerar que o silêncio se constitui um elemento que pode ser utilizado para manter o 'jogo' de dominação social, onde os que detêm o poder tomam posse dessa matéria significativa para oprimir os sujeitos pertencentes às classes inferiores, mas, em contrapartida, podem oferecer resistência:

[...] Esta é uma das formas de silêncio, a que chamamos silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode ser sempre outro. Mas há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que "falam" por elas, que as calam. [...] Daí que, na análise, devemos observar o que não está sendo dito, o que não pode ser dito (ORLANDI, 2002, p. 83).

### 3. Sobre a obra

A utopia burocrática de Máximo Modesto é um romance escrito em forma de memorandos administrativos, narrando a história do servidor público Máximo Modesto, um cidadão que prestara concurso público para Almojarifado e que fora chamado para a vaga de Gerente de Assuntos Relacionados da enigmática repartição 'Serviços Interinos'. Os funcionários subalternos dessa instituição formam um conjunto divergente: o filho bastardo de um juiz, o Bigode, cabos eleitorais que se beneficiam com cargos públicos ou simples funcionários esquecidos nos emaranhados da burocracia pública. Máximo Modesto, depois de empossado no cargo de Gerente de Assuntos Relacionados, tem como objetivo modernizar a repartição Serviços Interinos, localizada debaixo de uma escada num grande fórum, e pôr ordem na casa. Para isso, convoca os funcionários lotados na repartição para comparecerem ao setor de trabalho e assumirem os cargos para os quais foram designados. No entanto, projeta uma utopia de eficiência e modernização do serviço burocrático, enviando memorandos a seu chefe invisível, através de uma porta fechada, comunicando as mudanças administrativas que está fazendo na repartição. O diretor mantém-se, em silêncio, e Modesto atua no setor obedecendo a esse silenciamento que representa uma voz autêntica. Aceita o aquietar-se do diretor como uma forma sábia de gerir a repartição e começa a atuar com eficiência, tentando superar os novos obstáculos que, aos poucos, desfazem suas melhores expectativas. Dessa forma, decide abrir a porta do escritório do suposto diretor e depara-se com os memorandos no chão e a sala vazia. Diante dessa cena, Modesto para perplexo e acredita que tudo aquilo não passa de uma ilusão que se dissipara em seguida.

### 4. Silêncio: uma máscara do poder

*A utopia burocrática de Máximo Modesto* é um romance que aborda a dimensão política das repartições públicas do Brasil e traz o silêncio como uma matéria significativa para representar a voz dos detentores do poder. Não é imediatamente visível, porque surge como uma máscara para disfarçar as artimanhas de que o poder se utiliza para subjugar as culturas minoritárias.

A linguagem estabelece a transformação do silêncio em significados assimiláveis e verbalizáveis para que este se instale e faça surgirem pensamentos,

reflexões, introspecção e contemplação que irão construir o imaginário social da obra citada. Podemos constatar essa reflexão a partir da fala de Orlandi, quando diz que: “[...] A linguagem supõe, pois, a transformação da matéria significativa por excelência (silêncio) em significados apreensíveis, verbalizáveis. Matéria e formas. A significação é um movimento. Errância do sujeito, errância dos sentidos” (ORLANDI, 1995, p. 35).

Tomando como ponto de partida esse ensejo sobre linguagem, buscamos aprofundamento em Berger (apud FORACCHI, 1980), quando discorre sobre instituições sociais e remete-nos para a questão da linguagem, entendida como a instituição primordial da sociedade, porque todas as outras instituições sociais, independentes de suas características e finalidades, buscam base nas normas de controle inerentes a ela, pois dependem de toda uma semântica construída pela linguagem para poderem exercer a autonomia de atuar com autenticidade no meio social.

A questão do silêncio, tratada por Dionísio Jacob em *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, leva-nos a enveredar, na pesquisa, por uma abordagem de repressão social, já que este escritor aborda nessa obra a questão de opressores e oprimidos, quando traça um perfil da política brasileira, deixando evidente que a elite tende a dominar a classe inferior impondo suas formas de atuação, através do silêncio, e este, nesse romance, representa uma voz imperiosa que induz os subordinados a assimilarem as determinações oriundas da classe majoritária como legítimas. Vendo por esse ângulo, Modesto elogia a metodologia que seu superior hierárquico utiliza para dirigir a Serviços Interinos, por entender que o austero silenciar do diretor da repartição transformou-o num excelente profissional do serviço público.

[...] Agora sei qual é a sua metodologia como nosso superior hierárquico: é o silêncio! Já havia lido sobre isso, não me lembro bem onde! Se tivesse dado tudo mastigado para mim, teria a seu serviço um funcionáriozinho medíocre, cumpridor de ordens, sem iniciativa. Vossa Excelência fez de mim, através do seu rigoroso aquietar-se, um verdadeiro profissional do serviço público! (JA-COB, 2001, p. 35).

Como vimos no fragmento acima, o silêncio representa uma forma categórica de voz que manipula e molda os inferiorizados. Connor (1989) aborda essa polêmica do silêncio, quando discorre sobre literatura contemporânea e mostra que

os escritores modernistas e pós-modernos caracterizam-se pela capacidade de proporcionar uma interação entre desestruturação e recriação fantástica, tendo o silêncio como uma espécie de voz que apresenta mais conotações do que a simples ausência de enunciado, porque calar é uma forma de pronunciar-se com autenticidade, já que o silêncio abrange inúmeros sentidos dentro de um contexto social. No entanto, podemos encontrá-lo arquivado em provérbios de largo uso popular, como: “Guarda-te do homem que não fala e do cão que não ladra”, “A palavra é prata, o silêncio é ouro”, “Em boca fechada não entra mosquito”, entre outras expressões que, além de espelharem um aspecto de sabedoria popular, constituem uma cadeia paradigmática do signo silêncio.

Dionísio Jacob permite que o protagonista Máximo Modesto exponha, através de memorandos, seus desejos, ansiedades, indignação e problemas relacionados à repartição pública Serviços Interinos, onde exerce o cargo de Gerente de Assuntos Relacionados, função que desconhece até o tipo de atividade que irá desenvolver no decorrer de sua permanência na repartição:

[...] Ora, se eu soubesse exatamente para que o meu cargo serve, estaria acomodado a uma definição, a um conceito e diria mais: a um preconceito! Como ainda é vago para mim o que vem a ser um Gerente de Assuntos Relacionados, a constante agitação do meu espírito na procura de uma definição tornou-o esperto, atento, não acomodado. E, no meio dessa descoberta, acredite Vossa Senhoria ou não, quase descobri o segredo da minha função! Juro mesmo! Por um momento julguei descortinar o perfil do meu cargo (JACOB, 2001, p.p. 35 e36).

Esse personagem engaja-se numa luta ferrenha para descobrir literalmente o que desempenha um Gerente de Assuntos Relacionados, porque tem pressa em transformar aquela repartição num setor organizado, assim como conscientizar os funcionários de seus direitos e obrigações para que a repartição tome alento. É interessante ressaltar que, apesar de Máximo Modesto expressar suas aspirações e apresentar reformas para a Serviços Interinos, através de memorandos, esses nem sequer são lidos pelo suposto diretor, a quem os envia: “[...] E saber que o Senhor provavelmente nem lê os memorandos! Não lê mesmo, não é sem-vergonha? Vossa Senhoria não percebe o desperdício humano que isso acarreta?” (JACOB, 2001, p. 18).

Diante desse pressuposto, podemos comprovar, através de Orlandi (1995, p.p. 31 e 32), que uma das táticas usadas pelo poder para reprimir os subordinados é o silêncio, que exerce um papel significativo na obra em análise:

[...] O silêncio é a matéria significante por excelência, um continuum significante. O real da significação é o silêncio. E como o nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma afirmação que sucede a essa: o silêncio é o real do discurso. [...]. O homem está condenado a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injução à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Redigindo seus memorandos administrativos, Modesto vê a importância de traçar o perfil dos funcionários lotados na Serviços Interinos para explicitar as diferenças culturais que separam a classe majoritária da minoritária. Partindo desse ensejo, o narrador põe, em enlevo, o funcionário Ebenezer, conhecido por Bigode, para, através dele, fazer ciência das falcaturas utilizadas pelo poder para coibir os que não dispõem de argumentos nem de “força” para resistir a pressão da classe dominante. E Bigode representa um símbolo desta “dinastia” que utiliza máscaras de múltiplas faces para encobrir a corrupção que existe nos setores públicos. É o que podemos perceber no fragmento abaixo:

[...] Parece, sempre segundo o Gringo, que não existe ninguém mais avesso ao trabalho do que esse Ebenezer, vulgo Bigode. Ele chega – Vossa Senhoria há de espantar-se sem a menor dúvida – a se fantasiar quando vem receber seu contracheque, de medo que alguém o reconheça e o chame para ocupar o cargo pelo qual está recebendo. E é muito habilidoso, não estando fora de cogitação que sua alcunha tenha se originado de algum disfarce. É tão astuto, o malandro, que até traz uns papéis que permitem receber o contracheque mesmo parecendo outra pessoa! Ou seja, ele autoriza o pagamento para si mesmo! (JACOB, 2001, p. 30)

Esta situação aponta para as artimanhas que o poder dispõe para beneficiar pessoas que percebem salários sem executar nenhum trabalho que faça jus à remuneração. Além disso, mostra o abuso de poder e o apadrinhamento, porque Ebenezer é filho bastardo de um juiz e utiliza-se das táticas e dos jogos da intrincada rede de poderosos que compõem o sistema judiciário em questão:

[...] E isso tudo, como já narrei a Vossa Senhoria no memorando anterior, havia divertido demais o Bigode[...] E sei que isso para ele não vinha apenas da necessidade de ganhar algum dinheiro, mas de desmoralizar. Ele tem grande prazer nessa coisa. Ele gosta disso. Aprecia essa atividade de mostrar os podres, de driblar, de enganar. O danado não conseguira colocar em disquetes toda a vida oculta da corrupção pública e brincando com a corrupção, corrompendo ele mesmo? (JACOB, 2001, p. 151)



#### 4.1 Controle social: o silêncio como símbolo de repressão

Lakatos (1981) discorre sobre controle social citando Frederick E. Lumley, que questiona a existência de duas categorias de controle social: uma alicerçada na força física e a outra em símbolos. A primeira, embora seja imprescindível, não é capaz de sozinha manter a ordem social e, por essa razão, é fundamental que haja controles sociais com base em símbolos.

A partir dessa reflexão, podemos enquadrar a realidade vivida por Máximo Modesto no sistema de controle sócio-repressivo, pois esse personagem submete-se aos caprichos do seu superior hierárquico, através do silêncio representado, para atuar com eficácia, na Serviços Interinos, e tentar transformá-la em uma repartição autêntica.

Esse é, portanto, o jogo do poder hegemônico que silencia para coibir os subalternos, logo esse poder se faz presente em *A utopia burocrática de Máximo Modesto* como forma de controle social e o silêncio representa um símbolo de repressão. Podemos constatar essa asserção, nos fragmentos do romance citado, que mostram o silêncio, em face de sua dimensão política, atuando como uma forma de dominação e de repressão social. Isso fica evidente, quando Modesto declara estar sendo esmagado pela atuação silenciosa de seu diretor e até admite ser vítima desse ato sarcástico. Diante dessa situação, tenta esboçar resistência para desenvolver sua função, de acordo com sua capacidade e compreensão de mundo, mas acaba fazendo o “jogo” do poder, que induz os assujeitados a verem os desempenhos sociais conforme a determinação da classe dominante. Partindo desse princípio, Modesto reconhece que não tem competência para gerir a repartição Serviços Interinos e acata as decisões impostas pelo silêncio do diretor, por entender que, embora tenha consciência de que é vítima dessa ação dominante, não tem pulso nem argumentos para libertar-se das garras do silêncio, cuja execução discursiva representa uma voz resoluta:

[...] E eis-me aqui, vítima de silêncios e rancores e sarcasmos e sei lá mais o quê apenas por tentar ser minimamente decente! [...] Queria tanto ter vossa serena sabedoria silenciosa! Mas quem sou eu? Um reles fiscal, alçado talvez por engano a um cargo de gerência para o qual não estava preparado. (JACOB, 2001, p. 45).

Como já mencionamos, as autoridades se calam com o objetivo de estabelecer o discurso do silêncio para oprimirem as minorias culturais. Esse aquietar-se do poder aparece em *A utopia burocrática de Máximo Modesto* ora como resposta positiva, ou

como reconhecimento do trabalho exercido pelos funcionários da Serviços Interinos, ora como metodologia, ora como sábia quietude, ora como imposição, como insensibilidade e como incompetência. Percebe-se que o silêncio representa, nessa narrativa literária, significados díspares, por isso Máximo Modesto busca “utopias de saída” para livrar-se das adversidades do poder público. Porém, tentando esquivar-se, enrola-se ainda mais a ponto de admitir ser cúmplice das estratégias de submissão que as classes majoritárias impõem às subordinadas. Essa lógica fica evidente quando Modesto fala:

[...] Sei que isso pode parecer lá o seu tanto pueril, mas não tenho a vossa estatura, vosso estofo, que apenas com o silêncio consegue impor. [...]. Para o que serve um chefe senão para granjear ressentimentos e semear rancores? Faz parte. Tento me impor como posso para o bem do nosso ideal que é a glória da Serviços Interinos. Afinal, sou vosso soto-soberano, o que para mim é motivo de orgulho (JACOB, 2001, p.p.104 e 105).

Percebe-se que o silêncio, entendido como uma forma de imposição, emana das classes majoritárias, visto que quando se instala na tecedura textual, intervém e provoca uma falta de simetria entre os discursos, fazendo afluir uma desorganização que privilegia o comando do discurso do poder, que se utiliza do silêncio para fazer as minorias culturais calarem-se diante dessa ação imposta, ou mesmo, examinando-o de outra maneira, vemos que o silêncio usado pelo poder consegue abafar a voz dos menos favorecidos, porque esses não dispõem de meios que lhes proporcionem quebrar essa força repressora, embora tentem resistir, mas acabam aceitando a autoridade dos dominantes. Isso é o que Orlandi (2002) denomina de “silêncio do oprimido”, que remete para o discurso da resistência, entendido como uma forma de oposição do poder. Sendo assim, podemos ver que não é possível traduzir o silêncio em palavras, mas é cabível compreender o sentido do silêncio através de métodos discursivos.

Partindo dessa coerência do discurso, Máximo Modesto se enquadra no rol dos “modestos”, dos inferiorizados socialmente, mas ele declara sua indignação e revolta, quando passa a discutir com o “silêncio” que a obra, em questão, retrata. percebemos que Modesto tem consciência de que é menosprezado pela classe dominante, mas acha-se impotente diante do discurso do silêncio que o poder impõe, por essa razão, sente a necessidade de permanecer na gerência da Serviços Interinos, porque é uma forma de garantir o sustento da família, como pode se deduzir a partir do fragmento abaixo:

[...] Creio que Vossa Senhoria não está nem aí! Pelo jeito é isso, não é? Tanto faz como tanto fez? Se sumirmos do mapa, para o Senhor tudo bem!

Acho que nunca leu nenhum memorando! Mesmo este que estou escrevendo agora... Seu destino é o lixo ou o picador de papel! Pensei mesmo em abandonar este emprego. Mas não posso. Ainda não sou aposentado. [...] Mas o que mais me dói é ter consciência da própria insignificância (JACOB, 2001, p.p. 17 e 18).

Segundo Oliveira (2001), a sociabilidade se desenvolve através de socialização que é a forma pela qual o sujeito se integra num grupo e assimila os padrões culturais que esse lhe impõe. Concretizado esse fato, surge a necessidade do controle social cujo objetivo é fazer com que os integrantes do grupo assimilem os valores que lhes são determinados, para evitar que despontem comportamentos divergentes. Por isso, o Estado, que é considerado uma das agências mais importantes de controle social, centraliza o poder e a autoridade com o objetivo de manter a ordem social.

Dessa forma, a questão de controle social, bem como a ideia de resistência da classe subordinada estão presentes nessa narrativa literária. Analisando a fala de Modesto, percebe-se que o inconsciente imaginário dele revela sua fragilidade, em relação ao seu superior, e ao mesmo tempo, sua revolta por sentir-se nulo diante do poder. Tomando como base esse conceito, entendemos que os discursos emitidos por sujeitos encarregados de cargos funcionais privilegiados, na sociedade, têm papel preponderante em seu universo delineado, visto que é através da ação desses discursos que se observa a hegemonia de um discurso em detrimento de outro. E a partir dessa supremacia discursiva, surge a opressão, marca expressiva e concreta dos que comandam o poder. No entanto, compreendemos que esse emaranhado de coisas aponta-nos para os problemas sociais que deixam evidente a existência dos grupos dominantes e assujeitados, provocando um certo desequilíbrio entre os discursos expressos por essas classes sociais. Esses problemas chegam a se agravar ainda mais quando os indivíduos, que ocupam posição de destaque social, silenciam diante dos anseios das minorias culturais que não possuem meios para esboçar suas vozes, nem forças para que seus discursos se tornem efetivos. Por isso, Modesto, apesar de ter ciência de que é menosprezado por seu chefe imediato, recua seu discurso frágil, sem emoção, e privilegia a fala do diretor da repartição pública, que exerce a função de gerente, deixando clara sua indignação por se sentir preso às decisões que a “elite” política toma, em função do desempenho dos cargos hegemônicos que exerce para dar destino à vida dos inferiorizados social-mente. Pensando dessa forma, desabafa:

[...] Seria tão bom ouvir uma palavra tranqüilizadora a esse respeito. Bem... mas eu conheço vosso método e o respeito muitíssimo, haja vista os progressos cristalinos da nossa repartição. Penso no que conseguimos e no que ainda iremos conseguir! Não! Não podemos perder isso! Malditos políticos, que decidem a nossa vida como bem entendem! Não vamos permitir! Oferece- rei resistência! É tudo que prometo! (JACOB, 2001, p. 87).

Na verdade, os sentimentos e emoções gerados pela experiência social enquadram-se nas necessidades dos indivíduos agregados em sociedades, porém não há sociedades tão organizadas que apresentem completude entre a cultura e a identidade dos indivíduos socializados, nem existem sujeitos que se ajustem instantaneamente em seu hábitat e adotem os meios culturalmente aprovados e sancionados pela cultura, sem discuti-los, visto que existem incoerências nas organizações sociais e nas culturas estabelecidas pelos grupos, que geram uma dada insatisfação nos indivíduos e despertam anseios e ambições.

Partindo dessa reflexão, entendemos que, em Dionísio Jacob, Modesto revela sua angústia e seu descontentamento, no momento em que se expõe irritado por entender que a elite possui autoridade e poder para decidir a vida dos inferiorizados socialmente, porém acaba respeitando as táticas de dominação utilizadas pelo grupo elitista, por que não possui prestígio, nem métodos para livrar-se da opressão que essa classe social, em silêncio, exerce sobre os subordinados, por isso Modesto direciona seu discurso ao diretor da repartição que gerencia para mostrar-se cômico de que admira e respeita a metodologia com que o diretor se traça para governar aquele setor, entendendo que a quietude do seu superior representa uma forma sábia e inteligente de manipular os destinos da repartição com eficácia.

Nesse sentido, entende-se que em *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, o silêncio é uma voz autêntica e significativa que se presta a moldar o Gerente de Assuntos Relacionados, para que atue, na repartição, com a eficiência que o poder exige. Modesto acaba por admitir que a forma de calar do seu superior imediato é mais comovente do que um discurso verbal eloquente. Vejamos: “[...] E cada vez mais sou agradecido a Vossa Senhoria pelo modo original como conduz a nossa repartição. Admiro a forma como vosso silenciar sobre todas as coisas é mais eloquente do que os discursos mais palavrosos” (JACOB, 2001, p. 52).

Interpretando a voz de Modesto, nesse fragmento, de acordo com o discurso de Teles (1979, p.11), vemos que o silêncio representa uma forma de ministrar a

linguagem e conduzi-la para aquilo que não se pode expressar, deixando margem para que o não-dito signifique o real do discurso.

Por essa razão, o gerente contempla, surpreso, o silenciar do diretor da Serviços Interinos e compara esse gesto a uma fala mais persuasiva do que os discursos expressos por palavras.

#### **4.2 Irregularidades e denúncia**

Segundo Burke (2002, p. 104), apadrinhamento é um sistema político que se fundamenta em relações pessoais entre sujeitos desiguais, ou seja, entre líderes, denominados padrinhos e seus discípulos, denominados afilhados. É fundamental que ambos tenham algo a oferecer entre si: os afilhados prestam apoio político aos padrinhos, bem como apreço em forma de símbolos que representam expressões de submissão, uso de palavras bem articuladas como forma de respeito, entre outras expressões. Enquanto que os padrinhos proporcionam emprego e proteção aos afilhados, mas estes ficam atrelados à vontade do poder totalizante e vulneráveis à (re)pressão social. Essa estratégia política está expressa na obra em questão:

[...] Fui descobrindo aos poucos que toda aquela turma- o Gringo, o Bigode, dona Janice, Cícero e mesmo o Cabeça – conseguiu emprego graças a algum tipo de apadrinhamento. O Gringo armava palanques para um político, o Cícero era cunhado de um advogado que conhecia um juiz que trabalhava aqui. A mesma coisa como os outros. Acho isso intolerável! É injusto para aqueles, como eu, que prestaram concurso honestamente! (JACOB,2001, p. 43)

Dionísio Jacob faz de sua obra uma defesa dos interesses nacionais e denuncia as irregularidades das repartições públicas, criticando as corrupções que ocorrem, nesses setores, e mostra que os efeitos dessas depravações só nos são revelados quando aparecem nos telejornais, mas sempre com aparência equivocada e sem provas concretas: “[...] Um levantamento das corrupções que correm por aí e cujos efeitos constatamos quando aparecem nos telejornais, como tem acontecido cada vez mais amiúde, mas sempre com aparência ambígua sem provas definitivas” (JACOB, 2001, p. 144 - 145)

Toda a história se fixa em fatos verossímeis que são vistos através da imaginação do narrador, que se detém em relatar tudo o que acontece, na Serviços Interinos, procurando sempre se adequar às novas situações embaraçosas que surgem no setor. Percebemos que Dionísio Jacob faz fluir, em sua obra, a imaginação criadora como um referencial imprevisto e caricatural entre a criação inteligente e a utópica.

Trilhando por esse caminho, Modesto, de forma sábia, retrata o painel da política brasileira, em épocas de eleição, com o objetivo de denunciar as artimanhas que os políticos usam para alcançar o poder. Como veremos, no fragmento abaixo, eles organizam “cabos eleitorais” que os propagam com veemência, porque em troca, num futuro breve, tomarão posse do emprego prometido durante a campanha:

[...] O Gringo está armando palanques adoidado, o Bigode trabalha de fiscal em dois partidos opostos, usando disfarce, e levou meu filho junto. Cícero é um faz-tudo eleitoreiro, desde faxina de comitê até boca-de-urna, e dona Janice, agora que aprendeu a usar o processador de textos, está fazendo mala direta para um candidato lá no comitê do sem-vergonha. [...] Sei que muitos de-les conseguiram suas colocações graças a essa atividade (JACOB, 2001, p. 77).

Nesse sentido, percebemos que as estratégias políticas que os candidatos a cargos eletivos usam para desfrutar o poder são capazes de influir na decisão dos eleitores e também podem estabelecer normas que sejam fundamentais para aumentar a influência no meio social. É o que constatamos em Dionísio Jacob, quando aborda a questão política, mostrando fins eleitoreiros. Essas normas podem ainda limitar o poder dos subordinados. E na medida em que os detentores dos cargos eletivos representam a classe majoritária, podemos admitir que essa “elite” política detém o poder. Logo entendemos que a luta para alcançar o poder, em qualquer sociedade, seja ela democrática, autoritária ou hegemônica, transpõe-se em competição ou conflito não apenas entre os sujeitos comuns e partidos políticos, mas também entre grupos sociais que tentam proteger ou assegurar seus interesses, pois o ideal dos competidores é conquistar o comando da máquina governamental. Seguindo esse raciocínio, entendemos que a cultura dominante tende a enredar os dominados a moldarem-se aos padrões sociais que lhes são incumbidos e estes acabam aniquilados diante da ação do poder da classe superior, pois:

[...] Os Estados quando assumem proporções simbólicas de poder, mesmo em espaços culturais democráticos, tendem a tornar a arbitrariedade uma de suas tônicas, pois não há exemplo melhor para provar o poder de um dado indivíduo/cultura do que o de poder enredar o outro a quem se quer distante ou aniquilado numa teia discursiva que dificilmente o enredado teria condições de sobreviver (SILVA, 2003. p. 81).

Essa polêmica acerca de dominação e resistência aponta-nos para uma questão cultural que se fundamenta em um sistema de valores baseado em apadrinhamento e corrupção que já se tornaram uma tônica nos sistemas políticos brasileiros. No entanto, corrupção direciona-se para um comportamento que se

desvia das obrigações formais inerentes a um papel público. Constata-se a corrupção quando o sujeito engajado no serviço público utiliza-se de meios indevidos para exploração do cargo que exerce para negociar favores. Como discorre Burke (2002, p. 108), citando Klaveren:

[...] Poder-se-ia, por exemplo, estabelecer a diferença existente entre a concessão de favores por altos funcionários a seus parentes e amigos e a venda de tais favores, isto é, a exploração do cargo de acordo com as regras do mercado. O surgimento da corrupção nesse último sentido parece ser em parte do desenvolvimento geral da sociedade de mercado do século XVIII em diante.

É interessante ressaltar que os funcionários públicos que se beneficiam com esse jogo político de apadrinhamento, em geral, não dispõem de uma qualificação funcional para o cargo que ocupam e isso implica problemas nas repartições públicas, já que os servidores não têm competência para o cargo.

Em *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, defrontamos com um episódio ocorrido com D. Janice, secretária da Serviços Interinos, que comprova esse discurso. É o fato de deparar-se com um computador em seu birô e chorar desesperadamente, porque não sabia lidar com aquela máquina, fruto da modernidade, o que seria uma inovação, no setor, arquitetada pelo gerente Máximo Modesto que tinha a intenção de moldar aquela repartição aos padrões técnicos exigidos pela nova era tecnológica. É o que vemos nesse fragmento da obra:

[...] O mais engraçado foi a reação de dona Janice ao ver a máquina sobre a sua mesa na segunda cedo (pois vim instalar aqui no domingo à tarde). Começou a chorar, apavorada, achando que já ia perder o emprego. [...] Expliquei para dona Janice que ela deveria encarar o micro não como um entrave, mas como um desafio para sua carreira profissional (JACOB, 2001, p.p. 30 e 31).

Percebemos que, nessa narrativa, Dionísio Jacob manipula fatos que não são mensuráveis pelos mesmos modelos dos acontecimentos reais, mas denunciam as irregularidades cometidas pelos representantes legais do poder público.

Nesse sentido, entendemos que as classes sociais detentoras do poder hegemônico utilizam-se de joguetes políticos, como já mencionamos, para oprimir as classes subordinadas. E concretizam seus intentos, usando, como arma, o silêncio que, no poder, é uma voz que impera e decide a predominância da cultura majoritária, embora haja sempre uma resistência da cultura inferior, como afirma (ORLANDI, 1995, p.87): “[...] Entretanto, como o silêncio significa em si, à ‘retórica da

opressão' – que exerce pelo silenciamento de certos sentidos – responde a 'retórica da resistência' fazendo esse silêncio significar de outros modos."

Seria possível, portanto, argumentar que Modesto mostra-se inquieto devido surgirem problemas diversificados, na repartição Serviços Interinos, e difíceis de solucioná-los. Mas toma a decisão de comunicar ao diretor, através de um memorando, a situação decadente da repartição para fazer ciência de que os serviços tendem a parar, porque os funcionários não comparecem regularmente ao setor de trabalho, alegando o mísero salário que percebem. O gerente declara tolerar a situação por compreender a decisão dos colegas, mesmo não concordando que a negligência justifique esse fato, pois defende o conceito de que a dignidade do homem deve estar acima de qualquer função, que o sujeito exerça num determinado setor. Entretanto, Modesto reconhece que o fracasso da repartição é causado pela incompetência dos que comandam a máquina governamental e desabafa: "[...] mas entendo um pouco o que acontece, à luz das dificuldades econômicas geradas pela incompetência dos políticos, essa raça de larvas" (JACOB, 2001, p. 118).

Podemos ver que o gerente, mesmo preso às cadeias da "elite" política, esboça resistência, porque é consciente de que a ruína da Serviços Interinos é uma consequência dos desmandos causados pelos políticos, segundo o pensamento de Bastos (2002, p. p. 36 e 37), essa questão remete-nos para a polêmica do poder que teve início nos tempos mais remotos, quando a sociedade galgou um nível ínfimo de diferenciação social e também conseguiu especializar suas funções que resultaram num tipo especial de poder, que não se confundia com o já existente nas diversas sociedades. Esse novo poder possuía uma organização social específica cuja pretensão era alcançar seus objetivos. Dessa forma, despontava a sociedade política mais abrangente, em razão dos seus fins, comparando-se com as demais sociedades e também por que fechava, em si própria, as outras sociedades, demonstrando, a princípio, que possuía forças para comandar as classes sociais que não correspondessem a esse poder.

A partir dessa sociedade política, as outras sociedades, já estabelecidas, buscavam se organizar com o objetivo de ampliarem-se para adquirir formas disciplinares que levassem os agregados em grupos a relacionarem-se mutuamente e passarem a zelar pelos interesses advindos do conjunto das diversas sociedades.



No entanto, denominavam esses interesses de bem comum que correspondia aos interesses públicos. Era necessário que houvesse meios que os defendessem do inimigo comum, por isso surgiu a ideia de criar um sistema de prestação de serviço que beneficiasse a todos, mas deveria manter-se a ordem social. Na verdade, esse plano não estava disponível às diversas sociedades, por essa razão, surgiram os governantes que se utilizariam da força ou de agilidades pessoais, ou mesmo, usando talentos mágicos, ou então, através de relacionamentos específicos com Deus para transformarem-se detentores do poder que circundava a todos. A partir disso, surgiu o sistema político, tendo como base a própria necessidade do homem de criar normas para enfrentar os desafios naturais e de outras sociedades rivais.

Esse poder político atua em *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, visto que observamos que a “elite” política, abordada na obra, mantém a supremacia sobre as demais classes sociais. Porém fica evidente que a classe majoritária preocupa-se em defender seus interesses para manter-se no comando do poder. Percebendo isso, Modesto, apesar de não possuir forças para defender-se da ação dominadora da elite, tenta resistir por reconhecer que a classe minoritária sofre as consequências da falta de governo por parte dos políticos e declara: “[...] eu vi que não havia governo, que nenhum governo resolvia as coisas de sempre, que apenas cuidava de manter-se no governo (e de, saindo dele, retornar), e a gente estava por nossa conta e risco, não havia alguém tomando conta” (JACOB,2001, p. 158). Vemos que Modesto tem consciência de que é representado por esse grupo que detém o poder, mas não enxerga caminhos outros que o conduzam a uma sociedade mais justa e igualitária, por isso silencia e absorve o poder supremo que lhe é imposto, por entender que esse encerra em si as funções que estabelecem as leis gerais que vão estabelecer a ordem social.

Percebemos em Tomazi (1996) que, por ordem natural, os homens apresentam caracteres, que os determinariam iguais, no sentido de desempenharem aptidões para exercer a vida em sua plenitude, por essa razão, estabeleceu-se uma luta incansável entre eles para tomarem posse do poder. Para evitar que a violência não prevalecesse, acharam necessário haver um acordo entre os grupos competidores, que o denominaram de contrato, cujo objetivo era criarem normas que preservassem a vida. Sendo assim, as desigualdades sociais se

justificariam como algo inerente às próprias condições de existência social e política do homem.

## 5. Considerações finais

Empenhamo-nos nesse trabalho em discorrer sobre o silêncio atuando como voz oriunda dos detentores do poder para comandar as culturas de massa. No entanto, efetivamos essa abordagem tomando como fundamento o romance *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, de Dionísio Jacob, que mostra o silêncio como uma não-linguagem capaz de alçar 'voz', mesmo sem pronunciar palavras, para subjugar as minorias culturais; além de denunciar as irregularidades cometidas pela 'elite' política nos setores públicos, do nepotismo ao apadrinhamento e corrupção.

Tentando chegar às verdades dos fatos, engajamo-nos numa pesquisa sociopolítica com o objetivo de comprovar essas delações. Para isso, buscamos entendimento em Burke (2002), que trata de questões que nos remetem à hegemonia e resistência, apadrinhamento e corrupção, classe majoritária, classe minoritária e controle social.

Investigamos, em *A utopia burocrática de Máximo Modesto*, uma exacerbada disputa dos indivíduos para chegarem ao poder e constatamos, através de Tomazi (1996), que isso é natural do homem, quando aborda a questão de igualdade inerente ao ser humano e defende a ideia de que os homens são iguais por natureza, por isso eles engajaram-se numa acirrada luta de todos contra todos para alcançarem o poder e esse fato gerou a necessidade de haver um poder soberano que fosse superior a todos os homens. Esse poder não erradicaria a luta competitiva entre os sujeitos, mas abriria espaços para que houvesse o controle da lei e da ordem social.

Dessa forma, entende-se que a luta pelo poder, em qualquer sociedade, seja ela democrática, autoritária ou totalitária, vai sempre haver, pois, por esta lógica, parece ser necessário a existência de uma minoria<sup>4</sup>, a "elite" política, que governe o resto da sociedade e mantenha a ordem social para que haja equilíbrio entre as partes.

## Referências

BASTOS, Celso Ribeiro. **Curso de teoria do Estado e ciências políticas**.5. ed. atualizada e ampliada. São Paulo: Celso Bastos, 2002.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Trad. de Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: UNESP, 2002.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Basil Blackwell, 1989.

FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza (Orgs.). **Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

JACOB, Dionísio. **A utopia burocrática de Máximo Modesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1981. OLIVEIRA, Pêrsio Santos. **Introdução à Sociologia**. 20. ed. São Paulo: Ática, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: UNICAMP, 1975.

SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do romance**. São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Literatura, globalização e discurso – a lógica de representação de identidades culturais em ficção literárias**. In: SWARNAKAR, Sudha (Org.). **Tecidos metafóricos**. João Pessoa: Idéia, 2003.

TELES, Gilberto Mendonça. ***A Retórica do Silêncio – teoria e prática do texto literário***. São Paulo:Cultrix, 1979.

TOMAZI, Nelson Dacio. ***Iniciação à Sociologia***. São Paulo: Ática, 1996.

---

4 Minoria foi usada no sentido literal da palavra